

Fundações mudaram a ciência e a vida dos investigadores

Saúde. Mark Zuckerberg quer acabar com todas as doenças, mas não é o único. Vários portugueses já receberam bolsas para o seu trabalho

ANA MAIA

Uma das primeiras coisas que Maria Mota fez ontem quando chegou ao Instituto de Medicina Molecular (IMM) foi enviar um e-mail para os cerca de 500 investigadores que ali trabalham a dizer que está a "acontecer algo extraordinário no mundo": a criação da Chan Zuckerberg Science, a fundação que o criador do Facebook e a mulher apresentaram e que tem como objetivo curar todas as doenças do mundo. A diretora executiva do IMM da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Prémio Pessoa em 2013, disse ao DN que estas iniciativas são muito importantes. Não só para a ciência, pois também mudam a vida dos investigadores.

"A iniciativa de Mark Zuckerberg e da mulher Priscilla Chan de lançar um novo programa, com um financiamento de 2,7 mil milhões de euros, para atacar todas as doenças do mundo é uma oportunidade incrível. É um casal muito jovem que está a disponibilizar parte da sua fortuna para curar doenças. Eles compreenderam que financiar a ciência básica, conhecer bem os nossos inimigos – pode ser a transformação de uma célula, no caso do cancro, ou agente infeccioso, como na malária – é fundamental. São duas personalidades muito positivas, que se rodearam de pessoas muito interessantes para pensar o mundo das doenças e como as atacar. Isto vai ter um impacto enorme", frisa Maria Mota.

A apresentação do projeto do fundador do Facebook contou com a presença de Bill Gates, cofundador

da Microsoft e um dos maiores filantropos da atualidade com a Fundação Bill e Melinda Gates. Há mais de uma década que financia projetos de investigação em todo o mundo e que dá donativos para o combate à malária, à erradicação da poliomielite (paralisia infantil) no mundo, à cura do VIH. Portugal já sentiu essa vontade de mudar o mundo. Vários investigadores receberam bolsas para os seus projetos na área da malária e VIH. O impacto sente-se não só na ciência, é também nos próprios cientistas.

Há mais de 20 anos que Maria Mota se dedica a descobrir como



Mark Zuckerberg vai investir 2,7 mil milhões de euros na cura de todas as doenças

acabar com a malária. O trabalho começou com a tese de doutoramento em 1995 e com muita investigação, em diferentes caminhos, desde então. Agora está focada em compreender "o que o ser humano fornece ao parasita para que este sobreviva e cause a doença. Se conseguirmos perceber, um dia conseguiremos fechar a doença", explica a investigadora. Antes teve na sua equipa Miguel Soares, que pela se-



gunda vez vai ter financiamento para uma investigação que poderá ajudar na criação de uma vacina para a malária. Mesmo não tendo sido financiamento direto à equipa, Maria Mota sentiu o reconhecimento. "O maior sucesso de um investigador são as pessoas que formamos e a cola que fazemos. Tive dois casos de elementos que receberam bolsas da fundação e depois criaram carreiras independentes", afirma, acrescentando que o impacto é também grande na ciência: "O mundo inteiro olhou para a malária, surgem novos financiadores."

A forma como as fundações trabalham é também diferente. Envolvem-se, querem saber resultados, estão preparadas para os falhanços, mas também para continuar a apostar naquilo que acreditam que as vai ajudar a chegar ao seu objetivo. Mesmo que leve tempo. Henrique Silveira, subdiretor do Instituto de Higiene e Medicina Tropical, tem dois financiamentos da Fundação Bill Gates. Um em que procura encontrar alternativas ao sangue para a alimentação dos mosquitos de forma a que estes se possam reproduzir no ambiente – financiado desde o ano passado com uma bolsa de 90 mil euros –, o outro partilhado com Miguel Soares para a vacina da malária, no valor de 356 mil euros.

"Enquanto cientista, para produzir ciência, dependo totalmente de financiamentos externos. Receber uma bolsa é sempre bom, mas quando a competição é internacional é algo que reforça a qualidade. Receber uma bolsa de uma fundação internacional é prestigioso para o cientista e abre portas que antes não estavam abertas", come-

ça por dizer Henrique Silveira. Também refere a proximidade do acompanhamento que a Fundação Bill Gates faz dos projetos em que aposta. "Investe em áreas muito focadas e é mais fácil acompanharem. Têm o objetivo de ter um produto científico no final e tentam perceber o que se está a fazer. Recebo várias mensagens a incentivar-me a concorrer para novas fases do projeto. Têm uma disponibilidade maior do que as agências financiadoras podem ter porque dependem de agências globais", aponta.

João Gonçalves investiga há cinco anos uma forma de erradicar o VIH. A primeira fase do projeto, em 2010, também foi financiada pela Fundação Bill Gates. "Estas bolsas são muito importantes para o desenvolvimento de estratégias que por norma não são apoiadas, por serem projetos muito arriscados. Apostam em novas linhas e os apoios vão para áreas onde há pouco financiamento. Fazem o acompanhamento como se fossem nossos pares. São os anjos dos projetos e querem levá-los a bom porto. Se acham que o projeto é bom dão continuidade ao financiamento. A escolha é feita com base em critérios apenas científicos, não sabem que é o investigador, nem de que país é", diz o cientista do IMM.

DN rápido

Fundação Bill Gates já financiou e continua a dar bolsas a vários projetos de investigação portugueses.

As áreas de aposta são a malária e o VIH. Milionário quer patrocinar a cura das duas doenças.

Fundações Champalimaud e Calouste Gulbenkian são duas das mais importantes em Portugal.



À procura de uma vacina para acabar com a malária

FINANCIAMENTO A investigação liderada por Miguel Soares, do Instituto Gulbenkian de Ciência, começou com uma pergunta simples de resposta complicada: Por que produzem os seres humanos tantos anticorpos naturais que reconhecem especificamente uma molécula de açúcar chamada alpha-gal? A resposta é uma das peças do puzzle que envolve também uma mutação genética que seres humanos, chimpanzés, gorilas e a doença da malária têm. Foi por esta descoberta que o grupo português foi escolhido pela Fundação Bill e Melinda Gates, em julho, para ajudar a desenvolver uma vacina contra a malária. Nos próximos dois anos vão receber 356 mil euros para investigar se essa molécula deve ser incluída como parte de uma nova vacina para a malária. É a segunda vez que Miguel Soares e a sua equipa são reconhecidos pela Fundação Gates.

Dois exemplos de dedicação à ciência em Portugal

APOSTA Fundações Champalimaud e Calouste Gulbenkian fazem investigação e dão bolsas a projetos nacionais e estrangeiros

As fundações Calouste Gulbenkian e Champalimaud são duas das mais importantes instituições portuguesas no apoio à investigação centrada na saúde. Têm tido um papel precioso no desenvolvimento de novas áreas de trabalho científico, de reconhecimento dos resultados já alcançados e no impulso dado a jovens investigadores em início de carreira.

Um dos maiores prémios em Portugal atribuídos à ciência e saúde tem o valor de um milhão de euros. É da Fundação Champalimaud e visa o trabalho na área da visão, ora destacando a investigação que procura novas soluções para o futuro ora premiando as equipas ou instituições que já estão no terreno e com provas dadas na melhoria da qualidade de vida de

milhões de pessoas. O prémio faz parte de um projeto maior. A fundação está focada na investigação do cancro e da neurociências, com a criação de equipas e projetos próprios e em parceria que já valeram prémios e bolsas internacionais.

Mais antiga, a Fundação Calouste Gulbenkian tem premiado ao longo dos anos, com bolsas de financiamento, diversos projetos de investigação desenvolvidos em Portugal. E nem sempre o tem feito sozinha, o que mostra também a importância que tem como parceria internacional na captação e valorização de valores nacionais. Em março, a par com a Fundação Bill & Melinda Gates e do Wellcome Trust, apoiaram um programa de bolsas criado pela Howard Hughes Medical Institute para apoiar jovens investigadores de topo em início de carreira. Além deste trabalho, também ela contribuiu para a investigação com o Instituto Gulbenkian de Ciência, que tem 42 grupos de investigação internos e mais 29 grupos associados.

INVESTIDORES

BILL E MELINDA GATES

» É uma das fundações mais importantes da atualidade com o trabalho que está a desenvolver na área da saúde. Tem dado um enorme contributo para o plano de erradicação da poliomielite, ao fazer parte do clube fundador que, com a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Rotary Club, tem financiado a compra de vacinas para os países não desenvolvidos, equipas de vacinação e campanhas informativas. Espera-se que no próximo ano a OMS declare a erradicação da doença, o que só foi possível com esta ajuda. Também concentraram esforço no combate à malária e estão focados na criação de uma vacina. Nos últimos anos, entre financiamento e atribuição de bolsas, têm dado milhões de euros.

WELLCOME TRUST

» É o legado de Henry Wellcome, um industrial farmacêutico, que quis criar um fundo de investigação para melhorar a vida humana e animal. Sediada em Londres, compromete-se a financiar investigadores que querem fazer descobertas extraordinárias na área da biomedicina, ao mesmo tempo que pretende aumentar o conhecimento geral sobre a ciência. Já foi descrita pelo *Financial Times* como a maior organização não governamental do Reino Unido com fundos dedicados à investigação. Tem várias áreas de intervenção: cancro, diabetes, um projeto de intervenção durante a epidemia de ébola para identificar intervenções a fazer na saúde pública e serviços.

CHAN ZUCKERBERG

» Val investir 2,7 mil milhões de euros durante a próxima década para acabar com todas as doenças. A fundação é um projeto do fundador do Facebook, Mark Zuckerberg, e da mulher, Priscilla Chan, que é pediatra. Os 2,7 mil milhões de euros serão usados para juntar médicos, cientistas e engenheiros numa missão coletiva para criar ferramentas tecnológicas que permitam o próximo passo na evolução da medicina. A fundação vai ser liderada pelo neurocientista Cori Bargmann e o primeiro investimento vai ser o BioHub, que reúne especialistas em biofísica e bioengenaria, e tem como objetivo mudar a forma de financiamento da investigação para que os cientistas se foquem mais nos resultados e menos na competição de fundos.



INVESTIGAÇÃO

Como os milionários estão a financiar a saúde e a ciência

SOCIEDADE PÁGS. 18 E 19